

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO V Nº 17 VIANA-MA, JULHO/AGOSTO DE 2007



VIANA
250
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

VIANA TORRÃO GENTIL: 250 ANOS DE HISTÓRIA

No ano em que comemoramos 250 de fundação da Vila de Viana é o mês de julho que se destaca com maior importância histórica, pois foi no dia 8 de julho de 1757 que se ergueu o Pelourinho da emancipação, e a Aldeia de Maracu tornou-se Vila com o nome de Viana, para homenagear a cidade portuguesa com o mesmo nome.

Todos nós, vianenses, comerciantes, professores, estudantes, pescadores, todos devem buscar o sentido dessa data e sua dimensão para nossa identidade histórica e cultural.

Ao longo dessas anos, Viana teve seus momentos elevados de afirmação cultural, com jornais circulando regularmente, exportação de produtos agrícolas, projeção de grandes vultos no cenário estadual e nacional, como os irmãos Antônio e Raimundo Lopes, Dilú Mello, Celso Magalhães, Astolfo Serra, Estevão Carvalho e muitos outros. Depois, veio o tempo do marasmo intelectual, seguindo-se, agora, com a fundação da Academia Vianense de Letras, um novo impulso para recuperação do nosso prestígio no cenário estadual.

Em seus 250 anos, Viana acumula dados históricos que dignificam nosso passado, com seus varões ilustres, o culto às letras, ao teatro, à música, suas lutas políticas, a revolta dos escravos em 1867, os conflitos religiosos etc.

Ao jesuíta Pedro Pedrosa, “duas vezes duro como pedra”, na expressão do padre Moraes, devemos a obstinação de ter instalado e feito funcionar a Missão do Maracu, foco de religião e de economia, de catequese e de cultura.

Entretanto, devemos encarar esse marco histórico não com exagerado ufanismo, mas com a crítica que convém para fazermos uma avaliação do que fomos, do que somos atualmente e o que nos espera o futuro.

Sem essa consciência crítica não adianta fazemos uma comemoração fugaz pelo aniversário da fundação da Vila de Viana. Queremos ter a certeza de que estamos recuperando nosso atraso e contribuindo para um futuro melhor. Quais as nossas perspectivas de progresso? Que projetos estão à disposição do povo vianense para garantir a eficiência desse futuro? E o desemprego de tantos jovens? E a violência que está ameaçando a paz em que sempre vivemos, quando podíamos colocar cadeiras nas calçadas e balançarmos na *redinha de algodão* de Dilú Mello, sem sofrermos qualquer ameaça à nossa integridade física? Quem está se preocupando com os nossos próximos 250 anos que serão vividos pelos nossos filhos, netos, bisnetos, tretranetos e outras gerações?

Vamos comemorar com alegria esta festa que não se repetirá jamais. Vamos brindar o aniversário da nossa cidade, do nosso torrão natal, mas sem esquecermos dos excluídos e do futuro que nos espera.

Salve terra abençoada!

Prédio da antiga Fábrica

Sem dúvida, é este o monumento que melhor testemunha a opulência comercial vivenciada pela cidade (século XIX até as primeiras décadas do século XX), quando por Viana escoava, a caminho de São Luís, tudo o que a Baixada produzia de melhor na pecuária e nas lavouras de algodão, arroz, cana-de-açúcar e babaçu. Por essa época, Viana era o município mais rico e importante da região, conhecida pelo honroso título de “Rainha da Baixada Maranhense”.

O sobradão de azulejos amarelos da Rua Cônego Heme-tério, estrategicamente localizado próximo ao porto e onde florescia o melhor comércio da cidade, tornou-se referência para visitantes e principalmente mercadores, que por Viana transitavam constantemente. Ali eram efetuadas polpudas transações de mercadorias e produtos agrícolas, como algodão, arroz, gergelim, farinha e babaçu. Além de abrigar uma grande loja de tecidos, a casa era a única fornecedora, na região, das afamadas marcas de querosene *Chester*, da gasolina *Tydol* e do óleo lubrificante *Tycol*. O comércio de peles de animais constituía uma outra importante fonte de dividendos, a qual atraía uma legião de caçadores e donos de curtumes. O prédio possuía uma máquina de pilar arroz e uma de descaroçar algodão. O dono desse império comercial era o empresário Edgar Serzedêlo de Carvalho, neto do famoso Estevão Rafael de Carvalho.

Mais tarde, a convite do empresário, aportou em Viana um jovem português chamado Antonio Gaspar Marques, que logo se tornaria sócio do proprietário. Com o falecimento do Edgar, no início da década de 1930, o português assumiria os negócios, depois de casar-se com uma vianense e ali residir por alguns anos.

Tempos depois, chegaria de Portugal um primo do Antonio Marques, chamado Armando Gaspar, que lhe substituiria à frente do comércio, enquanto o primeiro transferia-se para São Luís. Armando também se casou

em Viana com Maria da Conceição Pinheiro (Zizi), filha de um outro português, Delfim Neves Pinheiro, há muito estabelecido na cidade.

Os últimos moradores do sobrado amarelo foram o Sr. José Pinheiro e sua esposa, D. Laura Mohana, que ali viveram durante as décadas de 50 e 60, quando ainda mantinham no prédio o comércio de tecidos, a fábrica de pilar arroz, a máquina de descaroçar algodão e mais uma de torrefação de café.

O sobrado trazia na sua fachada a inscrição “Fábrica Santa Maria”, pintada em letras pretas e grandes. A imponência do prédio impressionava os viajantes desavisados, pois, para muitos, era inacreditável que pudesse existir um casarão tão belo e luxuoso numa cidade do interior.

Atualmente, o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), veiculado à Secretaria de Estado da Cultura, encontra-se em entendimento com os proprietários do imóvel, visando dar início à obra de estabilização das ruínas para, posteriormente, buscar recursos que possam garantir a restauração completa desse importante monumento histórico de Viana.



LUZ ALEXANDRE

VIAGEM DA SAUDADE

LAURINETE COSTA



No último dia 16 de maio, véspera da quinta-feira da Ascensão, um grupo animado de vianenses, a bordo da lancha “Duas Nações”, partiu de São Luís com destino a Viana. A idéia era recordar as antigas viagens embarcadas que, durante mais de dois séculos, foram o único meio de transporte acessível à capital, não somente para a população de Viana, como de toda a Baixada Maranhense.

Patrocinada pela Prefeitura Municipal, como parte das comemorações dos 250 anos da cidade, a lancha fez uma parada estratégica em Cachoeira e outra em Cajari, a fim de aportar em Viana na hora exata em que se realizava a tradicional procissão lacustre da Ascensão, promovida pela colônia dos pescadores. Recebidos por banda de música e intenso foguetório, os passageiros (entre eles, o prefeito Rilva Luís, sua genitora, Lucimar Gonçalves Moraes, e o assessor, Benito Coelho) deram entrevistas, à mídia local, relatando o sucesso da viagem.

A iniciativa teve o mérito de refazer todo o percurso marítimo-fluvial de São Luís a Viana, depois de tanto tempo, desfazendo receios quanto às atuais condições de navegabilidade do rio Maracu e provando, assim, que viagens de lanchas poderão se constituir, a partir de agora, numa opção concreta de recreio e turismo ecológico para nossa cidade.

POSSE DE PEDRO MENDENGO FILHO

Na noite de 21 de julho próximo (sábado), às 20 horas, na Igreja Matriz, acontecerá a posse do mais novo acadêmico da AVL, Pedro Mendengo Filho, que ocupará a Cadeira de nº 25, patroneada pelo músico e compositor Raimundo Nogueira.

A reunião solene encerrará o XI Congresso Histórico e Cultural de Viana e do Meio Ambiente dos Lagos do Maracu, promovido pela Fundação Conceição do Maracu.

Além dos amigos e admiradores do empossado, a AVL conta com a presença de representantes das entidades locais e do público vianense, em geral, a este evento de grande significado, dentro da programação dos 250 anos da cidade.

APRESENTAÇÃO DA IMAGEM DE SÃO BONIFÁCIO

Realizada na noite do dia 5 de junho, data em que a Igreja Católica reverencia a figura do santo mártir, a imagem de São Bonifácio teve sua apresentação pública precedida de missa concelebrada por D. Xavier Gilles e vários sacerdotes, destacando-se entre estes Padre Eider Silva e o reitor do seminário maior da Diocese de Viana, Padre George Amaral.

Igualmente dentro da programação dos 250 anos, a solenidade aconteceu na sede do Seminário São Bonifácio da Diocese de Viana, em São Luís, e contou com a participação da colônia vianense radicada na capital, além de um expressivo número de pessoas que se deslocaram desta cidade para prestigiar o evento.

No final da missa, o presidente do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana, Nonato Moraes, usou da palavra para explicar, aos presentes, a origem e o destino da relíquia sacra de quase quatrocentos anos, trazida pelos jesuítas para a fundação da antiga Missão de Nossa Senhora do Maracu.

Como encerramento da solenidade, houve a apresentação do baile de São Gonçalo, uma das manifestações folclóricas mais tradicionais da cultura vianense. O grupo, liderado pela Sra. Maria da Conceição Costa Santos e sob a maestria do guia, Ércio Murilo Cu-

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



Missa de ação de graças, celebrada na noite do dia 5 de junho de 2007, quando da apresentação da imagem de São Bonifácio ao público maranhense.



Dois flagrantes da apresentação do baile de São Gonçalo, no pátio interno do Seminário São Bonifácio da Diocese de Viana, em São Luís



trim, tinha como bailantes os seguintes jovens: Zequinha Pinhei-

ro e Lurdinha Vieira; Mardenison Santos e Ribinha Brito; Dino San-

tos e Priscila Guimaraes; Rafael Oliveira e Valmária Cutrim.

Cartas recebidas

Rio de Janeiro, 8 de junho de 2007.

Prezado amigo Luiz Alexandre,

Recebi e li, atentamente, o número 16 de maio p. passado do "Renascer Vianense" que o amigo dirige, notadamente, para divulgar os acontecimentos e vultos ilustres que engrandeceram e engrandecem a minha saudosa Viana, que permanece gravada no meu coração.

Graças a Deus vou vivendo, ativo e alegre junto aos meus familiares, recordando o passado vivido naquelas plagas amenas vianenses e cantando saudoso.

E viver, afirma certo filósofo, significa prosperar em todas as partes do nosso ser: no coração, na consciência, nos afetos, em tudo quanto nos torna maiores e mais fortes.

A todo instante, nas minhas horas de ocupação e lazer, no silêncio da noite com os meus travesseiros, saco do meu depósito de lembranças o passado e contemplo o cenário deslumbrante onde desfrutei os dias tranquilos e felizes da minha infância em Viana querida, sob a guarda dos meus idolatrados genitores: Francisco de Sales Silva e Justina Exaltação da Cunha Silva.

Que nossa cidade, num futuro próximo, possa alcançar maior prosperidade, sem destruir, contudo, o que de mais belo e sagrado Deus lhe deu: a natureza com sua flora e fauna.

Formulo votos de paz e consciência ambiental aos conterrâneos vianenses.

Atenciosamente,

Benedito Francisco Silva – 94 anos
Jornalista aposentado

■ ■ ■ ■

Viana, 4 de julho de 2007.

Ilmo. Sr. Luiz Alexandre Raposo,

Acompanho, há algum tempo, o trabalho da AVL em Viana, seu empenho e grande dedicação ao nosso passado e ao nosso futuro. Dou meus aplausos de louvor. Gosto muito de ler e posuo quase todas as edições do "Renascer Vianense".

Apesar de ser muito jovem, tenho um grande interesse pela história de Viana... Tenho também uma grande preocupação com a situação atual de nossa terra, por isso procuro lutar a cada dia mais por ela, estudando, lendo, ouvindo, dialogando, debatendo e aprendendo mais sobre seu passado e seu presente.

[...] Entristeço-me ao constatar o desinteresse cultural da juventude vianense. Gostaria muito que todos tivessem a oportunidade e a vontade de conhecer a bela e encantadora história de Viana... Esta magnífica poesia da qual fazemos parte e ajudamos a escrever. Meu grande sonho é que, um dia, todos os jovens se sintam alarmados com a devastação cultural e ambiental impostas à nossa terra.

Que nestes 250 anos todas as pessoas se conscientizem de que é preciso valorizar e defender nossa cidade.

Silvia Aline Soares de Sousa – 15 anos
Estudante do Ensino Médio

APELO À CÂMARA MUNICIPAL

A Comarca de Viana foi fundada em 1835. É uma das mais antigas do Estado. Recentemente aqui foi instalada mais uma Vara, contando, agora, esta Comarca, com dois juizes. Viana precisa de um FÓRUM digno com urgência. Não é correto deixar que intrigas internas criem obstáculos à doação do terreno para construção do prédio do referido Fórum. Toda a comunidade desta cidade de 250 anos aguarda, ansiosamente, uma decisão da Câmara Municipal. O cidadão vianense agradece.

■ ■ HUMOR VIANENSE ■ ■

O DIA EM QUE ZÉ GATO PERDEU PARA GEOVANE

Caminhando às pressas pela Rua Coronel Campelo, Zé Gato, o rei das nossas tiradas e repentes, encontrou Geovane e perguntou, à queima-roupa:

– O Frango está aberto?

Com essa pergunta, ele estava se referindo ao comércio de Chico Frango. Mas Geovane, vingativo, respondeu imediatamente, com um riso de triunfo:

– Deixei eles **depenando**.

Zé Gato sorriu e saiu exclamando: dessa vez, perdi.

Atenção: Contribua com esta coluna, mandando um caso ocorrido na cidade, com pessoas conhecidas.

Escolas dão destaque à história e cultura vianenses

Estimuladas pelo transcurso do 250º aniversário da cidade, as escolas locais estão dando especial ênfase aos temas ligados à origem de nossa terra e aspectos culturais de nossa gente, durante todo este ano letivo de 2007.

O presidente desta entidade, atendendo ao convite da direção do Centro de Ensino Raimundo Marcelino Campelo, que escolheu a Academia Vianense de Letras como tema de pesquisa, proferiu uma palestra aos estudantes desse estabelecimento educacional na manhã do dia 25 de maio próximo passado.

Liderado pelas professoras Maria do Socorro Aragão Costa e Vilma Reis Gomes, todo o corpo docente da casa tem se esmerado em desenvolver, junto aos pequenos cidadãos vianenses, o orgulho e o amor pela terra em que nasceram.

Já o Centro de Ensino Antônio Lopes, sob o slogan “arte na mão e encanto no coração”, dedicou o dia 19 de junho à exaltação dos nossos valores e riquezas culturais.

Nos turnos matutino (com a participação das crianças do maternal até a 6ª série do Ensino Fundamental) e vespertino (alunos da 7ª e 8ª séries do Fundamental e das três séries do Ensino Médio), aconteceram exposições artísticas e declamação de poesias, incluindo literatura de cordel. Temas como o *lixo químico hospitalar*, a *religiosidade*, *mitos e lendas vianenses* foram apresentados e discutidos pelos próprios estudantes. No final do dia, houve apresentações do baile de São Gonçalo, tambor de crioula, bumba-meu-boi e do cantor e compositor, Toninho Rabelo.

O Centro de Ensino Médio Nossa Senhora da Conceição (antiga Escola Normal) também tem estimulado os alunos no estudo da produção literária dos escritores e poetas vianenses, enquanto a equipe de professores do Centro de Ensino Dom Hamleto de Angelis optou pela pesquisa sobre a música vianense, com

LUIZ ALEXANDRE



As professoras Teodora Gomes Pereira, Rosângela Oliveira e Catarina Mendes Veloso posam ao lado da diretora do Centro de Ensino Raimundo Marcelino Campelo, Maria do Socorro Costa Aragão.

TEODORA GOMES PEREIRA



Alunos do Centro de Ensino Raimundo Marcelino Campelo atentos à explicação do presidente da AVL sobre os vultos ilustres de Viana.

destaque para os grandes instrumentistas e compositores da terra.

A escola particular “Príncipe da Paz” encontrou uma forma original de despertar o interesse pela cidade em seus alunos: através do tempo, enfocando o passado, o presente e o futuro, professores e estudantes procuraram descobrir e entender “o que foi, o que é, e o que será Viana”.

Embora a greve geral deflagrada pela classe dos professores em todo o Maranhão, tenha paralisado momentaneamente as aulas nos estabelecimentos da rede estadual, prejudicando assim o andamento dos estudos, a maioria das escolas pretende continuar seus projetos de pesquisa no segundo semestre letivo, como é o caso da Unidade de Ensi-

no Estevam Carvalho, que terá como tema “as pessoas, as paisagens e as receitas da minha terra”.

Em contrapartida, as escolas municipais já concluíram seus trabalhos de pesquisa. Reunidas sob o tema geral “Viana, 250 anos de poesia e magia”, cada unidade de ensino voltou-se para um subtema. A Escola Manoel Soeiro, por exemplo, dedicou-se à pesquisa do histórico geral das escolas municipais de Viana e o Ginásio Nossa Senhora da Conceição (5ª a 8ª série) fez uma retrospectiva sobre a administração municipal nos últimos 50 anos (do prefeito Luiz Couto a Rílda Luís). As demais se voltaram para a história específica das personagens que lhes deram nomes, como Faraídes Campelo Silva, Edith Nair Furtado Silva, Luís Carlos Pereira, Celina Clara Azevedo Bezerra, Vanice Barros, Antonio da Rocha Barros, José Ribamar de Sousa e outras. Interessante ressaltar que mesmo as unidades de ensino situadas fora do perímetro urbano da cidade, como a Escola Alfredo Mendes Cutrim do Povoado São José das Lagoas, não foram excluídas do projeto.

Esta Academia parabeniza e se congratula com todas as escolas que se dedicaram com afinco ao estudo de nossa história, nossos expoentes e nossa cultura. Certamente um passo importante foi dado na educação de todos esses jovens estudantes, pois acreditamos que a construção do verdadeiro espírito da cidadania passa, obrigatoriamente, pelo reconhecimento e respeito aos valores de nossa coletividade.

Esperamos, entretanto, que a coisa não pare por aí. Fazemos votos que a comemoração do 250º aniversário da cidade tenha servido apenas de estímulo maior para o início de todo um processo de aprendizagem sobre nossa Viana. E que nos anos letivos vindouros, outros projetos de pesquisa possam dar continuidade ao que foi iniciado em 2007.

CURSO DE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



O acadêmico João Mendonça Cordeiro ministrando aula, durante o curso de História do Município de Viana, promovido pela AVL e patrocinado pela Prefeitura Municipal.



Professores vianenses participantes do curso.

Revestiu-se de êxito o curso de História do Município de Viana, promovido pela AVL e patrocinado pela Prefeitura Municipal, destinado a 60 professores das redes estadual e municipal de educação, aconte-

cido entre os dias 24 a 26 de maio, próximo passado.

Antes da aula inaugural, em cerimônia simples, mas de grande significado, houve o lançamento do livro “Da aldeia de Maracu à Vila de Viana” de autoria do aca-

dêmico, Lourival Serejo. Na oportunidade, o prefeito Rílda Luís adquiriu 60 exemplares da obra, para serem distribuídos aos professores ali presentes.

As aulas foram ministradas pelos acadêmicos João

Mendonça Cordeiro, Lourival Serejo e Luiz Alexandre Raposo. Devido à grande demanda, a AVL estuda a possibilidade de repetir o curso, neste segundo semestre, para uma nova turma de professores.

ROLAND MONTENEGRO C

Competência vianense m

Luiz Alexandre Raposo

No dia 31 de agosto de 2006, a Câmara Legislativa do Distrito Federal abriu suas portas para, em sessão solene, homenagear um profissional maranhense da medicina que vem se destacando entre a classe médica da capital do país. O texto do convite para a outorga do título de “Cidadão Honorário de Brasília”, iniciava-se da seguinte maneira: *Há pessoas que adotam a profissão apenas como meio de vida. Há outras que fazem da profissão a própria vida. Roland Montenegro Costa é, certamente, um exemplo de dedicação e de profissionalismo. Sem dúvida, faz parte do grupo que, ao abraçar a medicina, acabou com os limites que se paravam a vida da profissão...*

Filho primogênito de Raimundo Nonato de Almeida Costa e Maria Gomes Costa, Roland veio ao mundo no dia 1º de outubro de 1952, respirando, pela primeira vez, o ar saudável do verão de uma Viana ainda sem qualquer tipo de poluição. Alfabetizado em casa pelo próprio pai, o menino teria uma infância tranquila e feliz, mas sempre disciplinada nos estudos, o que o diferenciava dos outros meninos de sua época. Caçadas, banhos e pescarias no lago tinham momentos certos, embora algumas fugas e traquinagens próprias da idade não deixassem de acontecer. No final, venciam o respeito e a autoridade paternas.

Os estudos - Precocemente, aos 10 anos, o garoto concluiu o curso primário na extinta Escola Paroquial D. José Delgado. No ano seguinte, em 1963, foi levado para São Luís, para tornar-se aluno interno do Colégio Maranhense (Marista). Entretanto, devido sua pouca idade, teve de repetir ali o 5º ano primário. Viana e o convívio familiar, nesse meio tempo, ficariam reservados apenas para as férias escolares. Na última série do curso ginásial, novamente uma reviravolta: preocupados com as artimanhas do pré-adolescente que vivia subindo nas mangueiras, então existentes no quintal do internato, os Ir-

mãos Maristas aconselharam seus pais a trazê-lo para junto da família. Dessa forma, Roland concluiria o curso, em Viana, no Ginásio Professor Antônio Lopes, em 1967.

De volta à capital, o jovem vianense retornou ao Colégio Marista, onde fez os dois primeiros anos do 2º grau. No 3º ano, precisou transferir-se para o Liceu Maranhense, a fim de poder freqüentar o curso pré-vestibular mais famoso de São Luís daqueles tempos, dirigido pelo professor conterrâneo, José Maria do Amaral. Em julho de 1973 foi aprovado para o curso de Medicina da UFMA, formando-se em 1978.

Após uma breve passagem pelo Hospital Geral, o novo médico fez um treinamento em Cirurgia vascular no Hospital do Andaraí (Rio de Janeiro), antes de mudar-se para Brasília, a fim de prestar residência médica em Cirurgia geral no Hospital de Base do Distrito Federal. Os passos seguidos pelo jovem médico, nos anos seguintes, certamente viriam contribuir de maneira decisiva para a prática e solidez de conhecimentos tão necessários à profissão escolhida.

A vida profissional - Depois de uma frustrada tentativa de trabalho em São Luís, Roland retornou a Brasília, trabalhando como cirurgião geral no Hospital Regional de Planaltina e Hospital Regional de Sobradinho. Imbuído do firme propósito de ampliar seu nível de qualificação profissional, a exemplo de outro conterrâneo, o também médico Sálvio Mendonça, transferiu-se para a Alemanha, em 1987, permanecendo naquele país por dois anos, na Universidade Livre de Berlim. Entre 1991 e 1993 trabalhou na cidade de Pittsburgh (Estados Unidos), considerado o maior centro de transplante multi-orgânico da América do Norte, quando concluiu com sucesso o treinamento em transplante hepático.

De volta ao Brasil, em 1994, o Dr. Roland Costa foi lotado na Unidade de Cirurgia Geral do Hospital de Base de Brasília, dedicando-se com especial desvelo aos jovens médicos recém-formados que lá chegavam para a residência médica. Cin-

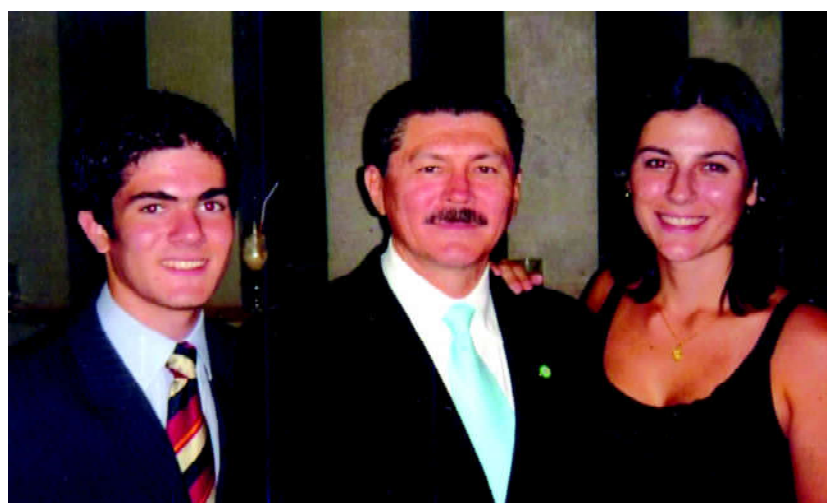
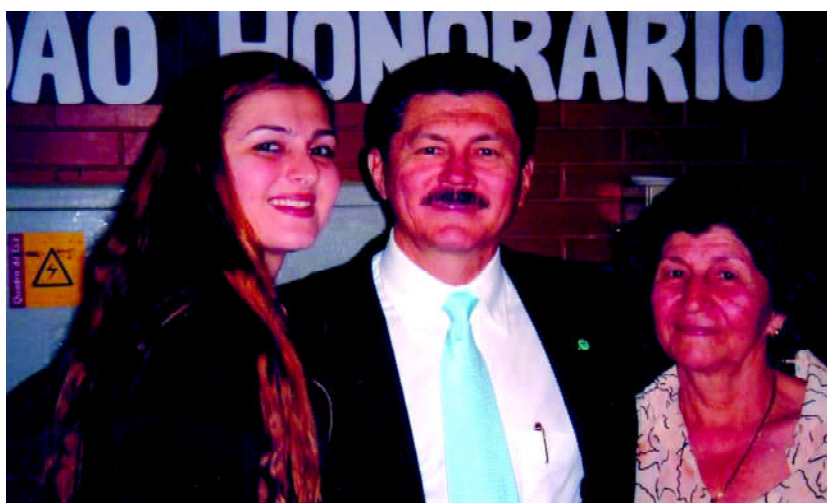


O Dr. Roland Montenegro Costa ladeado por dois colegas, quando da entrega

co anos depois, assumiu a chefia daquela Unidade de Cirurgia, oportunidade em que criou e liderou uma equipe profissional multidisciplinar de transplantes, que lhe permitiu realizar, com êxito, o primeiro transplante hepático em Brasília.

Atualmente, o bem-sucedido cirurgião coleciona títulos (como o de *Melhores da Medicina do Brasil*, concedido em abril de 2007) e medalhas (Juscelino Kubitschek, novem-

bro de 2005). Sucessos em cirurgias de grande risco também não faltam em seu currículo, a exemplo de duas que geraram matérias específicas na imprensa escrita da capital do país. A primeira, intitulada *Milagre que salvou Lorismar*, narra a cirurgia feita num ajudante de pedreiro goiano que chegou à emergência do Hospital de Base com um facão enfiado no pescoço e conseguiu sobreviver sem seqüelas (Correio Brasileiro,



No plenário da Câmara Legislativa do DF, quando do recebimento do título de “Cidadão Honorário de Brasília”, o Dr. Roland posa com a sobrinha Luísa Costa Nicolau (estudante de Medicina) e sua genitora, D. Maria Gomes Costa (à esquerda). À direita, com um dos filhos, Roland Cunha Montenegro, e a esposa, Maria de Lourdes Cunha.

COSTA na Medicina



da entrega dos troféus “Melhores da Medicina do Brasil”, em abril de 2007.

edição 24/09/2005 – pág. 32). A segunda, intitulada *Cirurgia rara salva paciente*, relata a técnica incomum utilizada na extração de tumor no fígado de uma mulher que havia sido desenganada (Correio Brasileiro, edição 16/12/2006 – pág. 32).

A vida pessoal – Amante de aventuras, esportes radicais e pescarias (esta última, herança da terra natal), além de exímio contador de causos mirabolantes, Roland continua o mesmo sujeito simpático e brincalhão de sempre, a despeito de tantas vitórias profissionais. Pai de quatro filhos (Milena, Roland, Patrik e Igor), o médico vianense tem por companheira a maranhense Maria de Lourdes Cunha, mãe de seu segundo filho, Roland Cunha Montenegro.

Embora tenha se apartado de Viana há tanto tempo, Roland não esquece suas origens e dos amigos daqueles tempos, como Raimundo José Cutrim e Zequinha de China (em Brasília, um de seus melhores amigos é o conterrâneo vianense, Dominginhos Muniz). Vindo quase anualmente ao Maranhão para rever mãe, irmãos, tios e sobrinhos, o médico pretende fazer uma visita à sua cidade natal em breve. Talvez ainda neste ano em que se comemora o 250º aniversário de Viana.

MEMÓRIA

A FESTA DO BI-CENTENÁRIO DE VIANA

Heitor Piedade Júnior.

Aconteceu no dia oito de julho de 1957.

A madrugada da velha cidade despertou com os estampidos de foguetões, acompanhados dos repiques dos sons seculares de um par de sinos no alto da torre da Igreja Matriz de Nossa Senhora. da Conceição de Viana.

As bandas de música de Ozias Mendonça e de João Araújo, em coretos adremente levantados, construídos e enfeitados de bandeirinhas da cor azul e branca, executavam a sonoridade do hino vianense e uma sequência de dobrados e marchas compostos por autores da terra.

Crianças uniformizadas saíam de todas as casas da cidade, com bandeirinhas do Brasil, do Maranhão e de Viana, em direção a seus colégios São Sebastião, Estevam Carvalho e do Paroquial Dom José Delgado.

Ali já se encontravam as professoras Edith Furtado Silva, Celeste Carvalho, Maria Antônia Gomes, Maria de Jesus Piedade Rodrigues, Izidrinha Campelo, Zeila Cunha Lauleta, Didi Magalhães, Iracy Rodrigues Cordeiro, Dayse Cunha Rodrigues, Lourdinha Cardozo e tantas outras abnegadas construtoras de ideais no campo da cultura da infância e da juventude vianense, em seus colégios, organizando as alas dos alunos para o desfile do bicentenário de Viana.

Uma multidão, vinda de todos os cantos da cidade e inclusive da zona rural, como se fora uma celestial peregrinação, dirigia-se para a Igreja Matriz, a fim participar da celebração da missa em ação de graças por um aniversário especial: duzentos anos da fundação da vila de Viana.

A Praça da Matriz havia sido inteiramente embandeirada, durante a noite anterior, por Gegê Piedade e seu genro José Ribamar Rodrigues (China), Seu Rosa, Benedito Lima, os irmãos Álvaro, João e Emídio Cordeiro, Messias Costa, Raimundo Parma, os irmãos José, Manoel e Hugo Soeiro, José Pinheiro, Raimundo Roberto dos Santos, os irmãos João e José Furtado da Silva e tantos outros voluntários, amantes da terra natal. De longe, os peregrinos do bicentenário eram surpreendidos pela visão de um grande barco, ancorado no átrio da Igreja Matriz, artisticamente confeccionado pelo inesquecível “Pereira da Uzina”, a representar a embarcação que trouxe os primeiros jesuítas para a Vila Maracu, nos idos de 1683.

Durante o dia todo, capitaneada por Djesus Piedade Rodrigues, Maria Antônia Gomes Barros e Didi Magalhães, realizou-se, no prédio do Grupo Escolar Estevam Carvalho, hoje Centro Educacional Professor Antônio Lopes, uma modesta, mas significativa exposição da vida cultural de Viana, com todas as espécies de artesanatos locais e regionais, no pátio interno do colégio. Chamava a atenção de todos uma canoa, com vela içada, tarrafas, socós, varas, remos, cofos de recolher peixes, cuias, cabaças com água, lamparinas, anzóis, iscas, enfim tudo o que lembrava a vida do pescador do lago de Viana.

Pela noite, para encerrar a comemoração, realizou-se a cerimônia litúrgica de uma missa campal dentro do barco, em frente à Igreja Matriz, celebrada pelo Padre Heitor Piedade Jr, organizador da festa, em ação de graças, pelos duzentos anos de história e do desenvolvimento da cidade e de seu querido povo.

Ao final, ao som do hino vianense, executado pelas duas bandas de música locais, e cantado pela multidão que se encontrava na comemoração, os céus vianenses ficaram iluminados por fogos de artifícios fabricados, com carinho, pelos saudosos João Serra (João Caladinho), Emídio Fogueteiro e Obedes Vieira, enquanto o coração daquela gente maravilhosa batia forte de emoção.

Como não poderiam faltar, dois bailes sociais encerraram as comemorações populares do dia mais festivo da história de Viana, tão ansiosamente esperado por diversas gerações.

“Salve a terra abençoada,
Viana, torrão gentil.
Rica pérola engastada
Nos adornos do Brasil”.

POSTO LUISA

Ma 014 – Km 37
Vinagre



O desenvolvimento de
Viana, no século XXI,
começou aqui.



MARIA DA GRAÇA MENDONÇA CUTRIM*

Quando os portugueses e espanhóis chegaram ao continente americano já encontraram a mandioca cultivada pelos nativos, cujas raízes eram aproveitadas para o preparo de alimentos e bebidas licorosas. Daí o motivo de se considerar que a mandioca é uma planta originária deste continente, de onde teria se expandido, principalmente, para os continentes asiático e africano.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), no cenário mundial, o Brasil ocupa o 3º lugar em área cultivada (1.981.000 hectares), o 2º lugar em produção de raízes (25.538.000 toneladas) e o 5º lugar em produtividade (12.894 kg/ha). Em nosso país, a mandioca é cultivada de norte a sul, gerando assim um ranking nacional. O Maranhão encontra-se em 1º lugar em área cultivada (308.950 hectares), 4º lugar em produção (2.556.983 toneladas) e o último em produtividade (8.300 kg/ha). Nosso vizinho, o Pará, coloca-se em 1º lugar em produção (3.987.256 toneladas), enquanto o campeão em produtividade é São Paulo (23.012 kg/ha).

No caso específico do Maranhão, de suas 21 micro-regiões, a Baixada Maranhense ocupa o 2º lugar em área cultivada (31.451 hectares), em produção (231.796 toneladas) e produtividade (7.400 kg/ha). O 1º lugar fica com a micro-região do Pindaré, com área plantada de 77.475 hectares; produção de 748.422 toneladas e produtividade de 9.700 kg/ha.

Dos 13 municípios sob a administração da Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp) de Viana, o município de Penalva destaca-se em 1º lugar em área plantada (2.503 hectares) e produção (16.995 toneladas). Entretanto, o 1º lugar em produtividade é assumido por Vitória do Mearim.

A cultura da mandioca - representando uma das principais fontes de alimentos energéticos para cerca de 500 milhões de pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento (como é o nosso caso), o cultivo da mandioca, no Brasil, ainda ocupa uma pequena área (considerando-se a imensidão do território nacional), além do baixo nível tecnológico utilizado em quase sua totalidade.

Várias são as espécies de mandioca, mas somente duas (gênero *Manihot*) agregam maior valor econômico: a *manihot utilissima* pohl e a *manihot dulces* pax. A diferença principal entre as duas está no fruto: enquanto a primeira apresenta o fruto alado (cheio de pequenas e finas raízes), a segunda tem o fruto liso. As variedades cultivadas no Maranhão pertencem à espécie *Manihot utilissima*, que podem ser doces ou amargas.

Valor econômico - a mandioca é uma cultura de real impor-

MANDIOCA - Fonte de riquezas mal-aproveitada

Um dos mais antigos e tradicionais produtos agrícolas de Viana, depois de dois séculos e meio, continua sofrendo os males de um modelo arcaico e ultrapassado de cultura e aproveitamento.

FOTOS: MARCOS CARVALHO



Rocha experimental, sob o acompanhamento técnico do Eng. Agrônomo Marcos Carvalho (Agerp – Viana), na qual a monocultura da mandioca obedeceu todos os critérios técnicos recomendados, tais como destocamento, espaçamento correto, adubação, idade ideal da planta para utilização como semente (estaca) etc.

tância, quer pela quantidade de matéria-prima produzida por unidade de superfície, quer pelos seus múltiplos empregos. Na alimentação humana pode ser utilizada na fabricação de farinha-seca, farinha d'água e torradas, enquanto na alimentação de animais pode ser servida fresca, seca ao sol sob a forma de raspas, feno das ramas etc. Diversos tipos de indústrias também fazem uso da mandioca, como a têxtil (na engomagem, na estamparia para expressar os corantes e agir como suporte das cores); a de papel (para aumentar a resistência a dobras, papel laminado, ondulado, caixa de papelão etc.); a de alimentos (gelatinização em cremes, recheios, aumento do teor de sólidos em sopas enlatadas, sorvetes, conservas de frutas etc.) e outras tantas.

Realidade regional - Apesar de todo esse grande potencial, na Baixada Maranhense a mandioca é aproveitada apenas para a fabricação de farinha e, em alguns casos, de tapioca. Assim mesmo, ambas de baixa qualidade. Urge que se faça um programa de melhoria no sistema de produção utilizado, visando o aumento da produtividade e da qualidade das raízes o que, consequentemente, irá melhorar a qualidade de nossa farinha e abrir fronteiras de exportação para outros estados. Para tanto, poder-se-ia pensar em transformar as casas de farinha individuais em casas de farinha empresariais, utilizando-se técnicas já disponíveis em nossa região.

Entraves à produtividade local - O sistema de cultivo utilizado em nosso município, predomi-

nantemente, é o consorciado (com milho e arroz), cujo plantio é iniciado em janeiro, no início das chuvas. Por ser do tipo de cultivo "roça no toco", sem uso de tecnologia, apresenta baixa produtividade. O mesmo não acontece com as chamadas "rocinhas", plantadas em junho (final das chuvas), em sistema de monocultura. Mesmo sem uso de tecnologias modernas, as rocinhas apresentam um aumento considerável de produtividade, a qual varia de 15 a 18 t/ha, pois neste modelo evita-se a concorrência nutricional desordenada entre as culturas (como acontece no sistema consorciado do arroz, milho e mandioca).

Embora seja comprovada a maior rentabilidade da monocultura, o agricultor vianense vê-se obrigado a

adotar o sistema consorciado por vários fatores, entre os quais se destaca a questão da terra. Como são poucas as áreas hoje destinadas à agricultura, tentam tirar o máximo proveito do que resta com as três culturas, prejudicando consequentemente a produtividade da mandioca.

Outro grande entrave, além da falta de maiores esclarecimentos por parte do pequeno agricultor sobre as vantagens de um modelo de cultura sobre o outro, é que a maioria dos projetos e programas do governo, através de financiamentos, estimulam o plantio em janeiro, quando, tradicionalmente, é adotado o modelo consorciado.

* Engenheira Agrônoma, lotada na Agerp - Viana, e professora do Ensino Médio.



Agricultores vianenses exibindo produtividade final positiva (20 t/ha) da monocultura da mandioca. Resultado feliz de um projeto experimental, realizado nos povoados Estrada do Rafael e Ricoa, sob a responsabilidade técnica do Eng. Agrônomo Marcos Carvalho.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

LOURIVAL DE JESUS SEREJO SOUSA

Um intelectual na magistratura

Luiz Alexandre Raposo

O nome de batismo do oitavo filho do casal Nozor Lauro Lopes de Sousa e Isabel Serejo Sousa foi uma homenagem de sua mãe ao amigo médico, Dr. Lourival Costa, que trabalhou na cidade por alguns anos. De poucos amigos, o menino cresceu entre a família, os livros e o olhar atento à vida da pequena cidade que fluía, lentamente, à sua volta.

Para um garoto nascido e criado numa Viana isolada das décadas de 1950/1960, o único elo de ligação com outros mundos, além da leitura, era ofertado pelo Cine Glória do Dr. José Pereira Gomes, que exibia filmes (a grande maioria em preto e branco) nem sempre permitidos para menores de 14 anos. Havia também o pequeno teatro da D. Anica Ramos que apresentava, vez por outra, peças, comédias e pastorais.

Aluno aplicado, Lourival concluiu o curso primário no Grupo Escolar Estevam Carvalho, em 1964, e o curso ginásial no Ginásio Professor Antônio Lopes, quatro anos depois. Ao deixar Viana, aos 17 anos, para continuar os estudos na capital, o adolescente já havia armazenado um mundo de lembranças, sensações e saberes próprios de seu lugar de origem, que não se apagariam facilmente com o tempo, nem tampouco desbotariam ao longo do novo caminho a ser percorrido.

Entre tais lembranças, certamente havia lugar especial para as professoras e professores que tanto influíram em sua vida futura. No meio de tantos nomes, destacavam-se D. Edith Nair Silva, Josefina Cordeiro, Luís Carlos Pereira, Rosa Maria Pinheiro Gomes, padre Vitório Lucchesi e a prima Nita (Maria

Inez Azevedo), excelente professora de português, segundo sua própria avaliação.

Depois de passar pelo Colégio de São Luís, o jovem estudante concluiu o antigo colegial no Colégio Universitário, em 1971, ingressando na Faculdade de Direito (UFMA), no ano seguinte. Quatro anos e meio depois, em julho de 1976, graduava-se como bacharel em Direito, iniciando em seguida o exercício da profissão em sua cidade natal.

De volta a Viana, enquanto trabalhava como advogado, exerceu o magistério no velho Antônio Lopes e na Escola Nossa Senhora da Conceição por dois anos consecutivos. No primeiro, ministrou as disciplinas de *Português, Inglês, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Direito e Legislação*. Na ex-Escola Normal, lecionou *Inglês, Português e Literatura*. A experiência como professor, em Viana, lhe trazia a agradável sensação de estar “pagando aquilo que recebeu”. Em outras palavras, retribuindo um pouco de tudo o que a cidade havia lhe propiciado no passado.

Nesse período, em 1977, Lourival casou-se com Ana Maria Gomes numa cerimônia simples, realizada primeiramente no civil e, no ano seguinte, no católico, servindo de palco para este último, a Igreja de



São Benedito. Dessa união nasceriam Ferdinando Marco Gomes Serejo Sousa e Jacqueline Gomes Serejo Sousa.

Em 1979, o jovem advogado retornou a São Luís, disposto a concretizar o sonho surgido ainda na infância, quando teve a oportunidade de apresentar o Dr. José Pereira Gomes atuando como Promotor Público, num júri realizado naquela época na cidade. Desde então se deixou seduzir por aquela profissão, que lhe parecia a mais atraente. Assim, depois de preparar-se com afinco, submeteu-se ao concurso para ingresso no Magistério Público, logrando a 3ª colocação. A primeira comarca designada ao novo promotor foi a de São Bernardo, onde trabalhou por quase dois anos, de março de 1979 a dezembro de 1980.

Em 1981 decidiu mudar o rumo de sua carreira, prestando novo concurso e desta feita para a Magistratura, sendo igualmente aprovado em 3º lugar. Como Juiz de Direito atuou por quase cinco anos na Comarca de Arari. Depois, subseqüentemente, viram: Brejo e Imperatriz até ser promovido para a Comarca de São Luís, em 1992.

No exercício da profissão abraçada, Lourival Serejo exerceu cargos e funções que vão desde o de professor de Direito da UFMA e diretor da Escola Superior de

Magistratura, passando pelo de Juiz Auditor da Justiça Militar do Maranhão, até o de membro efetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão. Seu extenso currículo incluiu dois cursos de pós-graduação, apresentações de conferências, trabalhos e pesquisas voltados para a área do Direito, além da publicação dos livros: *Contribuições ao Estudo do Direito, Direito Constitucional da Família e Programa de Direito Eleitoral*. Entre suas obras literárias estão: *O presépio queimado, Rua do Porto, o conhecido Do alto da Matriz, O baile de São Gonçalo e Da aldeia de Maracu à vila de Viana*, este último lançado recentemente, dentro das comemorações dos 250 anos da cidade.

Títulos de cidadão honorário (Brejo e Vargem Grande), medalhas de Honra ao Mérito (Bento Moreira Lima, Ministro Arthur Quadros Colares Moreira) e patronatos de turmas de formandos também se encontram inseridos nessa trajetória, pontilhada de vitórias e sucessos, do menino vianense que, um dia, almejou ser um simples Promotor Público de uma cidade qualquer do interior maranhense.

Lourival Serejo de Sousa atualmente é Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão e professor da Escola de Magistratura do Estado do Maranhão. Homem apaixonado pelas letras, é membro das seguintes entidades: Academia Maranhense de Letras Jurídicas (Cadeira nº 10 – patrono Dionísio Rodrigues Nunes); Academia Imperatrizense de Letras (Cadeira nº 4 – patrono Cândido Mendes); Academia Maranhense de Letras (Cadeira nº 35 – patrono César Marques) e Academia Vianense de Letras Cadeira nº 10 – patrono Estêvão Rafael de Carvalho).

OZIMO DE CARVALHO

Um intelectual antenado com sua época

JOSÉ HENRIQUE NOGUEIRA DE CARVALHO*

Ozimo de Carvalho, filho de Leonel Alves de Carvalho e Judith Leopoldina Gomes de Carvalho, nasceu em Viana, no dia 8 de abril de 1890. Ali fez seus primeiros estudos no Colégio Antônio Rayol. Concluiu em São Luís, no Liceu Maranhense, o curso preparatório para a faculdade. Visando à realização de um sonho, seguiu para Salvador, onde iniciou o curso de Farmácia. Em 1910, com apenas 20 anos de idade, recebeu o diploma de Farmacêutico, o qual lhe foi outorgado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

De volta à cidade natal, dedicou-se à profissão, inaugurando a “Pharmacia Brazil”, em 1913. Em seu estabelecimento organizou um pequeno laboratório para manipulação de fórmulas próprias, com o aproveitamento de ervas, folhas e raízes de plantas da região. O *Amargo Digestivo*, contra males do estômago e do fígado, bem como o *Necatol*, vermífugo de ação eficaz, foram drogas criadas para atender à população, principalmente das classes menos favorecidas.

Viana sofria com a falta de médico. Quando aparecia um profissional da Medicina, o farmacêutico restringia o atendimento. Entretanto, o vianense, de modo geral, não aceitava o receituário do médico sem antes obter a aprovação do experiente Ozimo de Carvalho.

Aos 26 anos, Ozimo casou-se em Viana, no civil, com Florita Georzi da Cunha, filha de Mariano Augusto da Cunha e Isaura Mendes da Cunha, e, no religioso, no ano seguinte, sendo oficiante da cerimônia o Cônego Alvaro Lima. Da união nasceram os filhos, Celeste, Isaura, Carmen, Helena, Judith, Ester, Durval, Dulcídio e Geraldo Cunha Carvalho.

Na política, foi o 9º prefeito da cidade após a Proclamação da República e, também, o 34º (este último mandato, exercido em caráter de interinidade). Elegeu-se vereador em várias legislaturas e chegou a presidente da Câmara Municipal. Numa de suas

gestões à frente do legislativo vianense instituiu o escudo que simboliza as heróicas e vitoriosas lutas travadas no município ao longo dos anos, o qual foi criado pelo artista plástico conterrâneo, Nilton Salgado de Aquino.

Homem de visão, crente de que o futuro de uma nação está intrinsecamente ligado à educação e à cultura, incentivou seu pai – Leonel Alves de Carvalho, então prefeito da cidade – a adquirir uma coleção completa de 24 volumes, da Biblioteca Internacional de Obras Célebres, com os quais foi inaugurada a Biblioteca Municipal de Viana, em 1915. Hoje esta casa do saber tem o seu nome, numa homenagem póstuma prestada pela edilidade local.

Em 1929, Ozimo de Carvalho, preocupado com o isolamento do cidadão vianense, fundou e custeou, com recursos próprios, o semanário “A Época”. O objetivo era manter informada, a sociedade local, sobre os acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Maranhão e no País. Foram 117 números editados, porém, em 1931, deixou de circular para tristeza daqueles que já se haviam habituado a acompanhar o desenrolar dos acontecimentos lá fora, pelas notícias que o periódico lhes trazia.

Homem de caráter, de estrutura moral inabalável e fortes convicções políticas e religiosas, dentro de princípios democráticos e de ensinamentos cristãos, encontrou no trabalho seu estilo de vida e sua maneira própria de ser. Afeito a desafios, aceitou, com outros comerciantes, aquele que foi um dos marcos de sua vida pública: a fundação da Associação Comercial, Agrícola e Industrial de Viana, em 1944. Esta agremiação destinava-se a aglutinar



forças no seio da classe empresarial, como forma de elevar a representatividade frente aos dirigentes de órgãos públicos, na busca da realização de projetos de interesse da categoria.

Sua vocação para a Botânica levava-o a colher, nos matos e campos, amostras de espécies vegetais, muitas ainda desconhecidas dos cientistas.

Para identificação, as enviava ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com o qual mantinha freqüente intercâmbio. De outras vezes, fazia a desidratação das plantas colhidas, anexava informações sobre o uso delas na medicina caseira e as remetia ao Horto Oswaldo Cruz do Instituto Butantã ou para a Seção de Botânica do Museu Paulista, onde eram submetidas a análises bromatológicas e classificação botânica.

Este labor, acrescido de outros não menos importantes, referentes à fauna, flora, recursos hídricos, solo, clima, criação de gado, pesca, babaçu, lavoura e meios de transporte, culminando com o estudo étnico do homem de Viana, levaram Ozimo a enriquecer o *Retrato de um Município*, livro de sua autoria, tão opulento de conteúdo científico, como pouco se tem elaborado sobre a gleba vianense. Com esta publicação, o autor prestou considerável contribuição à História e aos estudos dos tempos subsequentes, ao mesmo passo em que homenageava a cidade pelo bicentenário da transformação oficial da Aldeia de Maracu em Vila de Viana, ocorrida em 8 de julho de 1757.

Com o advento da viuvez, decorridos 52 anos de feliz convívio matrimonial, iniciava-se, então, o declínio de sua profícua existência. Assim, a 8 de setembro de 1978 Ozimo

de Carvalho faleceu em Viana, aos 88 anos de idade, no aconchego familiar dos filhos, netos e amigos dedicados. Sepultou-se no cemitério Campo Santo São Sebastião, ao lado da esposa.

Como reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade, preferentemente aos mais necessitados, a quem se dedicara com amor e dignidade durante 65 anos, a Câmara Municipal, cumprindo o dever de legítima representante do povo vianense, aprovou, por unanimidade, o Projeto de Lei nº 06/79, autorizando o Poder Executivo a alterar a denominação da Praça 8 de Julho para Praça Ozimo de Carvalho e erigir-lhe busto, o qual foi feito em bronze e erguido sobre pedestal de mármore.

A Academia Vianense de Letras prestou, também, justa e merecida homenagem ao ilustre farmacêutico conterrâneo, ao escolher Ozimo de Carvalho para dignificar a Cadeira nº 19 do sodalício, e ao mesmo tempo, elevar bem alto o nome deste luminar da História de Viana. Como prova, mandou cunhar e afixar, no pedestal que lhe sustenta o busto na praça de seu nome, placa comemorativa do evento.

Enfim, testemunhas da bondade de Ozimo de Carvalho se encontram em toda parte. As pedras do calcamento não falam, mas o som das pisadas do farmacêutico ecoa nas lajes rudes do chão centenário de ruas e becos e sua voz tênue está gravada nas paredes gastas das casas em que entrou para socorrer um enfermo. As plantas de seu tempo já não vivem, porém, o vento que as embalava está sempre a murmurar um hino de louvor ao sábio que as tirou da sombra do desconhecido e as inseriu no livro de tombo da Ciência. As aves de antanho, que não foram extintas, já arribaram para outros campos, mas as revoadas das novas gerações cruzam, todos os dias, o firmamento azul a mirar-se na planície do imenso lago e a bater asas de adeuses saudosos ao imortal cientista.

*Escritor e titular da Cadeira nº 19 da AVL, que tem Ozimo de Carvalho como patrono.

Da Praia do Areal ao Parque Dilú Mello



Pedro Mendengo Filho

Não se tem registro de como os índios, que habitavam esse esporão de terra onde hoje é a Praça da Matriz, chamavam esse pequeno espraído visto do alto. Sabe-se que no cimo deste esporão ficava a aldeia maior, comandada por um cacique geral, que de lá controlava e comandava tudo e todos.

Dentro da cultura indígena, os rituais de nascimento e fúnebres eram realizados na parte peninsular e os de sacrifícios, oferendas e adorações aconteciam nas encostas desse esporão (onde já foram encontradas ossadas humanas). Também por sua situação privilegiada, em outros tempos, esse local foi o principal posto controlador da entrada e saída de nativos; livres e aprisionados nas guerras tribais.

Com a chegada dos jesuítas por estas bandas, em 1683, e posterior conquista da península principal, para construção da sede da Aldeia Maracu, começam as transformações físicas e paisagísticas deste espraído, o qual forma, no verão, uma faixa extensa de areias banhadas pelas águas do lago. Formação esta resultante do acúmulo de material estratificado, arrastado pelas chuvas, e também pela impulsão das marés altas procedentes do Golfo Maranhense.

Consumada a conquista desejada, os missionários fizeram edificar ali uma igreja sob a evocação de Nossa Senhora Imaculada da Conceição e, em derredor, formando uma praça de forma retangular, construíram vários alojamentos para abrigarem os índios que aldeavam e os de Doutrina (como eram chamados os índios já catequizados trazidos do lugar denominado Itaqui), que lhes acompanhavam em missões pelas matas e também arrebatavam outros irmãos silvícolas para o rebanho da fé cristã.

Nesse aldeamento, os padres jesuítas formaram as ações administrativas de suas fazendas e engenhos, traçaram estratégias no recrutamento e controle da região e a base econômica para o sustento da missão do Colégio N. Senhora da Luz do Maranhão (sediado em São Luís) e outras instituições pertencentes à Companhia de Jesus, até quando, em 1757, perderam os direitos temporais dos aldeamentos silvícolas, por determinação de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal, em função de radicais diferenças de objetivos deste com aqueles religiosos.

Com o passar dos anos, em Viana, enquanto vila e depois cidade, a Praia do Areal foi-se configurando como um lugar apropriado para uma atividade econômica de grande necessidade na produção pesqueira: a salga e secagem de pescados. Era o local preferido dos pescadores que, nos meses de verão, mudavam-se com toda a família para as margens

do lago, pois o trabalho de manejo e preparo da produção recolhida exigia mãos habilidosas para o trato do pescado fresco e imediato processo de salga. Durante décadas, arrobas e mais arrobas de peixe salgado-seco eram exportadas para os povoados e outros municípios maranhenses, gerando boa fonte de renda para esses profissionais.

Como a flora era uma moldura viva do lago de Viana, a Praia do Areal possuía uma vegetação densa que servia de habitat para várias espécies de aves que enriqueciam o seu cenário. O pesquisador Ozimo de Carvalho descreve em sua obra-prima "Retrato de um Município", o que conseguiu catalogar sobre a vegetação campestre e a fauna paludícola, que abundavam em volta desse pequeno espraído e outras partes que margeiam o grande lago de Viana.

A festa de Nossa Senhora Aparecida – Na primeira metade do século passado, a atuação da Igreja Católica se fez cada vez mais marcante no seio da coletividade vianense. Várias capelas foram criadas em pontos diferentes da cidade, como a de N. S. de Fátima no Caminho Grande, São Judas Tadeu no Moquiço, N. S. de Nazaré no Nazaré e de N. S. Aparecida na Praia do Areal. Provavelmente a escolha deste local deveu-se ao fato de estar próximo dos pescadores, pois foram dois desses profissionais que recolheram a imagem da santa, no Rio Paraíba, Estado de São Paulo. Por situar-se num local alagável no inverno, a capela de palha era erguida todos os anos, no mês de outubro. A festa constituía-se de novenas, largo com banda de música, missa campal e procissão.

No Areal, aconteciam também os passeios a pés em noites de lua. Caminhar pela beira do lago, observando a superfície prateada das águas pelos reflexos da lua, propiciava um

prazer indescritível. No final do passeio, sempre acontecia uma apetitosa comilanga de melancias, trazidas de Arari e muito bem consumidas em Viana, principalmente no Areal.

O Festival do Peixe - Muito tempo depois de extinta a festa de Nossa Senhora Aparecida, Nezinho Soares (pinheirense que adotou Viana como sua cidade) teve a feliz iniciativa de criar, naquele mesmo local, o Festival do Peixe. São dele, as seguintes palavras, extraídas de um manuscrito de sua autoria, intitulado "Olhando Viana":

Nós, que acompanhamos por muitos anos a festa de Nazaré em Viana, sabemos perfeitamente das causas e das consequências negativas da extinção da referida festa, principalmente econômicas, pois canalizava dinheiro de outros municípios para Viana. Com o término daquela festa, resolvi lançar outra semelhante àquela destruída, nascendo a Festa do Peixe - criação, organização e estrutura exclusiva nossa".

...A festa ano a ano continua em igualdade com a festa de Nazaré, com maior afluência de pessoas vindas de todos os recantos do nosso e de outros Estados. Tem sido uma corrente abundante de dinheiro no comércio e na vida privada da cidade, convergindo de outros municípios e de outros rincões do nosso país, grande número de comerciantes ambulantes. Parque de diversões com suas distrações permanentes enfeitam o recinto da Festa do Peixe. Outras atrações folclóricas como Bumba-meu-boi, Tambor de Crioula, Baile de São Gonçalo, Dança do Maracu e Tambor de Mina, completam a formosura da nossa criatividade.

Mas foi por muito pouco tempo que essa nova modalidade de festa permaneceu sob organização particular. Como um toque de magia, a administração pública incorporou

esse evento como sua atividade cultural municipal e hoje faz parte do calendário das festas anuais, gerenciados pela Prefeitura de Viana.

A construção do Parque - Em 1994, o prefeito Daniel Gomes Filho iniciou o aterro da Praia do Areal, obra muito bem recebida pela população, necessitada de um espaço de lazer. Daí em diante, nenhuma outra administração posterior quis concluir o projeto, o que fez a degradação ambiental, nesse local, acelerar-se em progressão geométrica. Um desastre ecológico para o antigo Areal, que viu, em menos de dois anos, toda a sua vegetação endêmica desaparecer, sufocada pelo esgotamento sanitário clandestino.

A construção do aterro sem obedecer, ao mínimo, as regras básicas da saúde pública, (que requereria a construção do esgoto sanitário do parque), aliada à ocupação imediata de moradores fixos, ao mesmo tempo em que se destina o uso do local como espaço de atividades culturais foi uma grande fatalidade. E expor a população vianense a riscos maiores de febre-amarela, cólera, tifo, dengue, conjuntivite e outras doenças transmitidas pela falta de higiene pública.

O Parque Dilú Mello - Já no final do século XX, entre muitos dos sonhos de uma pequena parcela dos filhos de Viana, um desses sonhos se transformaria em realidade. Graças à ação louvável do jornalista Luiz Alexandre Brenha Raposo, na luta para fazer valer o nome de vianenses ilustres, que projetaram o nome da cidade no país e no exterior, conseguiu ele, depois de várias conversas e articulações com as autoridades municipais da época, a alteração do nome do Parque do Areal para homenagear a compositora, instrumentista e cantora Maria de Lourdes Argollo Oliver.

Assim, no dia 13 de setembro de 1998, dois anos antes de falecer, a filha mais ilustre de Viana voltou à sua terra natal para, emocionadíssima, descerrar uma placa que a partir daquele momento dava ao local o seu nome artístico.

O Parque Dilú Mello, se merecer dos futuros administradores, a devida atenção e melhorias básicas, terá tudo para projetar a cidade de Viana no cenário da política ambiental do turismo ecológico da Baixada Maranhense, honrando devidamente um local de beleza impar e que guarda muito da nossa história.



Momento histórico para a cidade: Dilú Mello, acompanhada pelo então prefeito Messias Costa e seu vice, Marcone Veloso, prepara-se para descerrar a placa que dá o seu nome ao Parque do Areal, na noite do dia 13 de setembro de 1998. Na foto aparecem ainda o vereador José Ribamar Santos (autor do projeto) e o cantor Rogério do Maranhão.

O RENASCE R VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,

Viana - MA

CEP: 65.215-000